

**Título: As sociabilidades mais que humanas do cultivo da espécie *Nicotiana tabacum* em Guarani, Minas Gerais – documentar para manter viva a memória biocultural<sup>1</sup>**

**Autora: Giovanna Vieira Casarin Henriques**

**Palavras-chave: sociabilidades, fumo, fotografia**

### **Resumo**

Esta é uma pesquisa preliminar que desenvolvo de forma autônoma desde 2023 motivada pelo fato de minha família paterna produzir o fumo desde 1960, na cidade de Guarani – Minas Gerais. O fumo é, há séculos, um elemento central da cultura e da economia desta cidade, onde fui criada. A socialização entre humanos e plantas começa no ato de plantar a *Nicotiana tabacum*, prática que envolve um conhecimento profundo do “temperamento” do solo, do clima, das raízes, das sementes e das folhas. Com o passar dos anos essa planta se consolidou como parte da cultura local, quando os agricultores do fumo – os fumeiros - tornaram-se conhecedores de seu cultivo e do preparo para transformá-la em fumo de corda (ou fumo de rolo) e, posteriormente elevar o fumo à segunda maior atividade econômica da cidade. Portanto, nasceu dessa longa história resumida em poucas linhas, minha vontade de compreender como uma espécie de planta foi capaz de moldar a cultura, o modo de viver e ser, e a economia da cidade de Guarani. Decidi, então, usar este tema como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em minha formação como Cientista Socioambiental pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), principalmente como uma forma de materializar a história do fumo na cidade e documentar o processo de sua produção, passando pelas diversas sociabilidades humanas e não humanas que a permeiam – ideia inspirada nas teorias da antropóloga estadunidense Anna Tsing. Neste ano de 2026 pretendo acompanhar a produção do fumo desde seu plantio, até ser transformado em fumo e rapé (pó de fumo), através de uma vivência participativa, propondo entrevistas gravadas com os fumeiros e pesquisa com fotografias antigas e atuais. A cultura artesanal do fumo vem se transformando em Guarani, os mais velhos estão encantando e as novas gerações já não se interessam por aprender esse trabalho, que antes era passado entre gerações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

familiares. É neste contexto que considero ser de extrema importância documentar a história do fumo na cidade. Sendo esta uma tradição de técnicas repassadas oralmente, pretendo utilizar a gravação dessa oralidade e das diversas vozes, juntamente com um acervo visual dos processos e dos próprios fumeiros, com a intenção de documentar a história dessa planta que criou mundos entrelaçada aos agricultores do fumo, moldando a cultura e a economia de Guarani. Utilizarei também fotografias analógicas, expostas em livros sobre a história da cidade, de arquivo pessoal familiar e os meus próprios registros do material produzido com os fumeiros entrevistados. Será possível criar um registro material desta prática ancestral por meio de conversas e vivências com aqueles que dominam as técnicas da produção do fumo, utilizando a ferramenta de coleta de vozes e imagens para produção de conhecimento e memória biocultural? Ao fim, espero que essa pesquisa sirva para guardar e manter viva a memória dessa interação entre humanos e não humanos proporcionada pelo cultivo do fumo – a *Nicotiana tabacum*.

## **Introdução**

O fumo, como é popularmente conhecida a espécie de planta *Nicotiana tabacum*, faz parte da história econômica e cultural de Minas Gerais desde tempos imemoriais, quando moldou a figura dos viventes do campo e dos interiores mineiros. Como na pintura “O caipira picando fumo” de Almeida Júnior (1893), era comumente avistado o homem, trabalhador rural, levando consigo o “fumo de rolo” e a palha do milho para confeccionar seu cigarro. Em um trabalho sobre a estrutura agrária mineira entre o século XVIII e XIX, Carrara (1999) traz registros de plantações de fumo em 1749 nas margens do rio Xopotó, afluente do rio Pomba, demonstrando que o fumo faz parte da história econômica de Minas Gerais. Visto isso, a cidade de Guarani, também banhada pelo rio Pomba, no coração da Zona da Mata Mineira, é o cenário dessa pesquisa.

Partindo da experiência de 23 anos vivendo entremeio a, principalmente, homens que “pitam<sup>2</sup>” cigarros de palha, compreendi o fumo como um mediador de encontros entre mundos, pois todo o processo, desde a plantação, passando pela colheita, a destalagem, o enrolar das folhas do fumo, até o momento em que se corta em pequenos pedaços o fumo de rolo (ou fumo em corda) para fazer o cigarro e/ou na inalação do rapé, passa-se por momentos de sociabilidades entre-humanas. As interações começam com o conhecimento dos fumeiros<sup>3</sup> acerca dos temperamentos da

---

<sup>2</sup> Expressão popular que designa o ato de fumar

<sup>3</sup> Aqueles que plantam e trabalham com o fumo

terra e da região onde será plantado o fumo e, também os temperamentos da própria espécie (*Nicotiana tabacum*), podendo ser entendida como uma comunicação interespecífica (Tsing, 2019), onde humanos compreendem o comportamento do mundo não humano (o solo, o clima, as plantas) e utilizam deste conhecimento profundo para produção de um elemento cultural, dado o seu uso constante e marcante em muitas culturas.

Para além disso, as sociabilidades humanas estão entrelaçadas ao uso do fumo (ou tabaco) desde tempos imemoriais, quando existem registros arqueológicos do uso desta planta há pelo menos 8 mil anos na América do Sul pelos povos indígenas e, no México, registros que datam do ano 2 000 a.C até 987 d.C da utilização do tabaco na cultura Maia (Coutiño; Bello, 2012). Deste modo, na ancestralidade indígena, o tabaco se mostra presente em diversos contextos, como nas comunidades que habitam as margens do Médio Purus na Amazônia, onde o rapé - pó do fumo - atua como um elemento divino na mediação “da comunicação e da viagem do xamã a outros domínios do cosmo”, como também em momentos cotidianos do dia para “embalar conversas”(Santos, Soares, p.22, p.16; 2015).

Com a invasão europeia nas Américas, as folhas e as sementes do tabaco foram levadas para o Velho Mundo por Jean Nicot, tornando-se artigo de luxo da aristocracia quando a rainha Catarina de Médici, da França, passou a usar o pó do fumo, que aliviava sua enxaqueca (Flores, 1889). Com essa apropriação e popularização do tabaco que se reflete nos dias atuais, seu uso foi transformado e ressignificado, mas suas raízes ainda continuam envolvidas na sociabilidade, desde o preparo da terra para sua plantação até o enrolar do cigarro, costume tradicional das cidades interioranas de Minas Gerais.

Minha história com o fumo, começou, então, através da observação do cotidiano daqueles que produzem e consomem o fumo, o que me fez iniciar uma pesquisa bibliográfica em 2023 que culminou na escolha do tema do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), onde pretendo documentar os processos de produção do fumo entrelaçados às sociabilidades outras-que-humanas (Tsing, 2019). Esse ímpeto que levou a documentação surgiu através da percepção de que a cultura da produção do fumo está se transformando na cidade de Guarani, entre motivos que serão abordados no decorrer do texto, como a dificuldade de encontrar pessoas que possuem o conhecimento necessário à transformação das folhas da *Nicotiana tabacum* em fumo de rolo. Pretendo, portanto, trazer neste texto o início do processo de minha pesquisa,

utilizando imagens produzidas em campo em comunhão com a escrita, partindo do pressuposto que a fotografia pode reativar “a ligação intrínseca das palavras ao visual” (Maresca, 1998, pag 139). Serão expostas imagens feitas em três momentos distintos de visitas à produção do fumo, imagens do acervo da família, além de parte de um material produzido pelo fotógrafo guaraniense Ronaldo Almeida que registrou todo o processo de produção do fumo no Sítio Novo Horizonte, propriedade de meu avô Sebastião Toledo Henriques. O presente trabalho, então, além de trazer parte de minha pesquisa de TCC sobre as sociabilidades da cultura do fumo em Guarani - MG, trará a memória e a história de minha família paterna - uma memória biocultural.

## **Metodologia**

Para a elaboração desta pesquisa, me respaldei em anos de convivência com fumeiros e depositários<sup>4</sup> na cidade de Guarani, desde uma ligação consanguínea - os membros da família - até aqueles que fizeram parte de minha infância e, hoje, fazem parte de minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC). Deste modo, minha relação com meus interlocutores vem de longa data, o que facilitou a integração com o cotidiano de trabalho com o fumo. Portanto, coletar informações em tão pouco tempo - de março a junho - só foi possível pois sou uma pesquisadora inserida no meu próprio universo de pesquisa, o que pode ser referido como autoetnografia, pois utilizo majoritariamente da minha experiência pessoal para a construção do entendimento da cultura do fumo em Guarani (Maia, Batista; 2020). É utilizado principalmente o que Maia e Batista denominam “epifania”, um processo transformador social que marca minha experiência de vida (p.241; 2020).

A passagem do individual para o mais geral, a partir da epifania, se constitui numa importância tanto de estratégia literária que tem por objetivo aproximar o leitor dos acontecimentos, deixando que este participe de sua interpretação e facilitando um entendimento mais direto e pessoal sobre a cultura em questão (ibidem, p. 241; 2020).

Além disso, para esta pesquisa utilizo também o método de observação participante proposto por Foote-Whyte (1980), que é caracterizado pela participação do

---

<sup>4</sup> Aqueles que compram o fumo.

cotidiano no universo de pesquisa, de forma que o pesquisador possa adentrar naquele ambiente passando pela interação constante com os interlocutores, a fim de criar um vínculo que contribua para o aprofundamento em determinada cultura e sociedade. Neste sentido, trabalho com uma fusão entre observação participante e análise autoetnográfica da cultura do fumo que estou inserida, almejando que o leitor possa também adentrar neste universo que me é tão familiar trazendo minha observação e participação de anos a fio sendo filha e neta daqueles que trabalham, ganham a vida com o fumo e o consomem.

### **Ser fumeiro é tradição<sup>5</sup>**

A popularização do uso do fumo no Brasil e, especialmente aqui neste texto, em Minas Gerais, fez parte da história de meu avô paterno, Sebastião Toledo Henriques, quando este deixou de trabalhar como alfaiate em Divinésia para viver em Guarani, trabalhando como “viajante do fumo” para o italiano Giuseppe De Santis (Zé Primo) em 1953, atuando na linha de trem que ligava Juiz de Fora a São Paulo. Em 1958, registrou a firma “De Santis & Henriques” em parceria com Zé Primo, para em 1960 encerrar a sociedade e iniciar sua própria produção de fumo em corda e desfiado, na cidade de Guarani – Minas Gerais, junto de sua esposa Odete Casarin, minha avó, com o nome de “Sebastião Toledo Henriques - Armazém São Sebastião Comércio de fumo em corda”. Ele continuou, portanto, viajando pelo Brasil pelas linhas férreas, onde conheceu o rapé (pó de fumo). Decidiu, então, experimentar produzir e vender o rapé além do fumo que já comercializava.

A primeira alquimia feita por ele foi o rapé de imburana ou umburana de cheiro, utilizando a semente dessa árvore nativa da caatinga moída e misturada com o pó de fumo torrado e moído. A casca da imburana possui propriedades medicinais comumente utilizadas para tratar doenças respiratórias, e de suas sementes é feita a extração do óleo vegetal (Braga, 1976, apud Araújo; Dantas, 2018), usado “como antiespasmódicas e para tratamento de doenças reumáticas, asma, bronquite, resfriados e gripe” (Matos et al., 1992; Maia, 2008; apud Araújo; Dantas, 2018; pag 2). Sebastião começou a enviar latinhas de metal em forma de moeda contendo o rapé de imburana dentro, com um rótulo colado em sua superfície com as informações gerais sobre o produto, local de origem e nome da empresa. As latinhas eram enviadas junto com as latas de rolos ou

---

<sup>5</sup> Parafraseando uma fala de Armando (fumeiro) em entrevista do dia 08/05/2026.

bolos de fumo, como uma espécie de brinde para os clientes, a fim de divulgar sua nova produção, dando origem, então, ao Rapé Moeda, no ano de 1966. Em 1984, portanto, a empresa passa a se chamar Henriques & Casarin Ltda.

O Rapé Moeda foi muito bem aceito no mercado do fumo e seus derivados, e fez com que Sebastião se encontrasse nas alquimias das misturas do rapé, criando dez tipos distintos. A produção do Fumo e do Rapé Moeda começou entre os membros da família, filhos, cunhados e amigos próximos, crescendo até contratar terceiros para colaborar no trabalho que só aumentava. Entretanto, a produção sempre foi extremamente rústica e artesanal, pois Sebastião sempre gostou dos fazeres manuais, com perfeição. O fumo era comprado de produtores da região da Zona da Mata Mineira, principalmente de agricultores da zona rural de Guarani, Piraúba, Astolfo Dutra, Tocantins e Ubá, além de produtores do sul de Minas Gerais, de Arapiraca no estado de Alagoas e do Rio Grande do Sul, antes de ser comprado o terreno do Sítio Novo Horizonte, em 1993, na zona rural de Guarani, onde desde então passou a ser feita sua própria plantação de fumo. No entanto, ele nunca deixou de comprar fumo de outros produtores, mesmo após começar a plantar.

Junto dos filhos Celso, Heliane, José Márcio (meu pai) e da esposa Odete, Sebastião construiu uma marca que percorre ainda hoje os interiores mineiros e de outros recônditos do Brasil, principalmente em estados do sudeste e do sul. José Márcio foi o único filho que permaneceu em Guarani trabalhando com o pai desde que se formou na faculdade e assumiu o comando da empresa e da plantação do fumo quando em março de 2021 Sebastião faleceu, mas legou ao filho caçula os ensinamentos para que este seguisse com as produções de fumo e de rapé até os dias atuais.

Um dos principais interlocutores de minha pesquisa atual é Jersy, que trabalhou para meu avô na plantação e produção do fumo em corda desde a década de 1990, e que, hoje, trabalha para meu pai. Já passaram muitos trabalhadores do fumo na plantação do Sítio Novo Horizonte, mas Jersy foi o único que permaneceu. Além dele, hoje também lá trabalham Armando e Zé Carlos, também meus interlocutores. Na transformação do fumo em rapé estive à frente durante muitos anos o mestre conhecido como Gato (José Maria Augusto), que ensinou ao seu filho Bilu (José Maria Augusto Filho) os saberes e fazeres da arte do rapé, quando este entrou na empresa em 1995. Gato faleceu em 2025, hoje Bilu segue seus passos na produção.

Assim se concebeu minha relação com o fumo e com todos os processos que o envolve, da plantação até as interações familiares, parafraseando o que o fumeiro

Armando diz muito nas entrevistas, fui criada, principalmente pelo fumo, pelo capital financeiro que advém do fumo e pelas sociabilidades que envolvem todos os atores, desde produtores até usuários do fumo. Desde que me entendo por gente conheço o Gato, o Jersy, o Bilu e o Otávio, que faleceu em 2025, mas que durante boa parte de sua vida trabalhou com o Fumo e o Rapé Moeda. São pessoas que fizeram parte da minha criação, além de, claro, do meu avô Sebastião, conhecido carinhosamente como Tião do fumo ou Tião fumeiro, que sempre tinha em mãos a palha e um pedaço de fumo em corda para fazer seu cigarro, assim como meu avô materno Hailton Severino, que também durante toda vida pitou um cigarrinho de palha. Este envolvimento com os processos e os usos do fumo sempre foram naturais e costumeiros para mim - minha casa, a casa de meus avós (Sebastião e Odete), e a rua de nossas casas possui um cheiro muito característico do rapé e do fumo, um cheiro que para mim é familiar e que me faz hoje usar o rapé como forma de me encontrar com essas memórias e afeições de um passado não tão distante quando meu avô ainda era vivo e que se conflui com o presente da gestão feita pelo meu pai, José Márcio.

Esta foi uma breve contextualização da história da minha família com o fumo que se entrelaça à minha história. As imagens foram escolhidas e expostas a fim de demarcar o que Sylvain Maresca (1998, p. 148) chama de “memória e história”, utilizando de registros antigos e atuais, porém anteriores à minha pesquisa de TCC, para complementar a abordagem textual, levando em consideração que “a imagem faz falar”, pertencendo a oralidade das histórias e causos contados entre gerações familiares e de fumeiros à esta autora que vos fala (Ibidem, p. 138). Portanto, tanto a produção do fumo, quanto o costume de registrar esses processos para guardar a memória de tempos que não voltam e de uma cultura que vem se transformando em Guarani, fazem parte da tradição familiar.



Foto 1 e 2: Sebastião e o “bolo de fumo” e as primeiras latinhas do Rapé Moeda feitas com tampas lisas e rótulos coloridos colados em sua superfície. Acervo familiar; foto de Heliane Casarin, década de 1990.



Foto 3 e 4: Sebastião à esquerda pitando um cigarro de palha junto dos paus de fumo, à direita José Márcio com uma máquina rústica de misturar o pó do rapé. Acervo familiar; fotos de Heliane Casarin, sem data.



Foto 5: A autora em meio aos paus de fumo curando ao sol na casa dos avós Odete e Sebastião, zona urbana de Guarani - MG, onde também funciona o armazém de fumo e rapé. Acervo familiar, foto de Heliane Casarin, sem data.





Foto 6: Encontrei uma cortina de latinhas de rapé em um museu de antiguidades em Cordisburgo - MG onde a maioria eram do Rapé Moeda, com o antigo estilo gráfico das latas.

### **Guarani e o fumo (*Nicotiana tabacum*)**

No território em que hoje se compreende como Guarani, banhado e fertilizado pelas águas do Rio Pomba, na Zona da Mata Mineira, o fumo - *Nicotiana tabacum* - adentrou os mares de morros da Mata Atlântica e criou raízes comerciais em meados de 1840, quando os primeiros sesmeiros e colonizadores europeus chegaram nesta terra (Faquini, 2014). O fumo, como é comumente chamado nos livros de história da cidade, era cultivado na região a partir de antigas técnicas tradicionais, através do trabalho de pessoas escravizadas trazidas de além - mar e de indígenas coropós e bocaiús<sup>6</sup> que já habitavam a região (Abreu, 1991). O trabalho nessa terra, para Pedro de Abreu (1991), era considerado de baixa intensidade dada a alta produtividade da terra, levando em consideração o recente desmatamento

(..) havia sempre farta colheita de fumo, cana, milho, feijão, arroz, favas, mandioca, batatas, carás, amendoim, grande variedade de frutas e muitas outras plantas úteis e flores de variadas espécies (Abreu, 1991, p. 28).

Em 1866 surge uma máquina de picar e desfilar o fumo em corda e, em 1884 a produção passa a ser escoada pelos vagões de trem Brasil afora (Faquini, 2014). A produção de fumo, portanto, já foi a segunda maior na movimentação da economia da cidade de Guarani (Abreu, 1998). Até o fim do século XX, ainda havia depósitos de fumo espalhados pelas pequenas ruas e bairros da cidade. Em conversas com José Márcio e nas entrevistas feitas com os fumeiros Jersy, Zé Carlos e Armando, estes contaram aproximadamente 53 depósitos de fumo em Guarani entre os anos de 1950 até aproximadamente os anos 2000. No livro “Guarani, terra querida”, de Aparecida de Abreu (1998), a autora demonstra através de suas pesquisas que “a agricultura, depois do café, já teve o fumo o produto de maior expressão comercial” na cidade de Guarani (Abreu, 1998, p. 66)

Foram muitos os plantadores de fumo e os fumeiros que o comercializavam, estocando-o em armazéns e vendendo o fumo em

---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que as técnicas de manejo e feitura do fumo podem ter sido apropriadas das culturas indígenas da região, entretanto não encontrei registros a respeito e as limitações deste trabalho não permitem um aprofundamento maior neste quesito.

corda em pontos próximos ou bem distantes do município. Ainda vários moradores de Guarani têm no fumo sua principal atividade (ibidem, p. 66).

Armando conta que quando nasceu, em 1965, seu pai Antenor já “fiava”<sup>7</sup> fumo em corda, uma técnica que ele não quis passar para os filhos devido ao seu perfeccionismo, sendo apenas ele e a esposa que dominavam a arte do fumo. Assim como Zé Carlos, de 75 anos, que não aprendeu a arte de fiar, mas “nasceu nas lavouras de fumo”, como ele mesmo diz, pois desde os 10 anos de idade trabalha nas roças como boia-fria. Já Jersy, que hoje é quem comanda a produção do fumo em corda no Sítio Novo Horizonte, aprendeu a plantar e a fiar com seu pai. Em entrevista feita no dia 08/05/26, Armando e Zé Carlos me contaram da antiga fartura da produção de fumo em Guarani

Zé Carlos: Ah aqui tinha muito plantador de fumo. Pra todo lado aqui era só fumo que plantava. Tinha fumeiro aqui a vontade pra comprar, depois parou.<sup>8</sup>

Os questioneei então do porquê da produção de fumo ter sido reduzida na cidade, a ponto de, hoje, ser muito raro encontrar paus de fumo curando ao sol. Anexo aqui parte da fala dos dois com a opinião deles sobre esta questão:

Zé Carlos: Pra vender é meio difícil.

Armando: Não tem ninguém na zona rural mais

Zé Carlos: Ninguém pra estala fumo<sup>9</sup>

Compreender a transformação da cultura da produção do fumo em Guarani é um dos meus objetivos para o final desta pesquisa, entretanto ainda não possuo insumos suficientes para chegar em uma conclusão, tendo em vista que no presente momento realizei poucas entrevistas com um número reduzido de interlocutores (4). Entretanto, Maria José Carneiro, em seu texto “Rural como categoria de pensamento”, alega que a diminuição da população rural no Brasil é uma consequência da implementação hegemônica do modelo produtivista capitalista, levada às zonas rurais através da modernização da sociedade (Carneiro, 2012). O êxodo rural, particularmente em

---

<sup>7</sup> “Fiar” significa fazer as cordas de fumo enquanto enrolam para formar o pau de fumo.

<sup>8</sup> Transcrição de entrevista feita no dia 08/05/26, no fumaal do Sítio Novo Horizonte, em Guarani - MG

<sup>9</sup> Transcrição de entrevista feita no dia 08/05/26, no fumaal do Sítio Novo Horizonte, em Guarani - MG

Guarani, pode ser compreendido como uma mudança nas relações com a terra ocasionadas pela crença nas facilidades e privilégios da vida urbana e no consequente abandono da vida rural, uma constatação que percebi durante as conversas com os trabalhadores do fumo. Neste texto a autora trata do “renascimento rural” em algumas comunidades no Brasil e na França, entretanto, em Guarani, a população rural diminuiu muito em comparação com a grande quantidade de residências que havia antigamente nas zonas rurais da cidade. Quando o livro de Pedro Lopes de Abreu (1991) foi concluído, em 1931, havia aproximadamente 12 mil moradores na zona rural da cidade e 3 mil na “sede”, a zona urbana, totalizando 15 mil habitantes, uma grande disparidade com os números do censo de 2022 no qual foram registrados 1.931 moradores na zona rural e 5.783 na zona urbana, ao todo 7.714 habitantes (IBGE, 2022).

Esse distanciamento do modo de vida rural também impactou, portanto, na cultura do fumo na cidade. Como bem exposto pelos fumeiros, não existe mais mão de obra o suficiente nas roças para trabalhar com o fumo. José Márcio alega que o fumo é uma das poucas culturas agrícolas que não é possível o uso de máquinas para seu plantio e colheita, tornando seu manejo estritamente manual. Assim, acredito eu que a dificuldade de trabalhar com o fumo tenha influenciado no distanciamento das novas gerações desta prática, apesar de que os fumeiros (Jersy, Zé Carlos e Armando), acreditam que não seja pela dificuldade do trabalho, mas sim pela falta de mão de obra e de compradores na região. Em Guarani restaram alguns produtores de fumo espalhados pela zona rural, nos bairros Beira Rio, Bom Sucesso, Bom Jardim (entre Guarani e Rio Pomba) e nas Barcas, um desses produtores de hoje é meu pai, José Márcio, com o Fumo e o Rapé Moeda no Sítio Novo Horizonte.

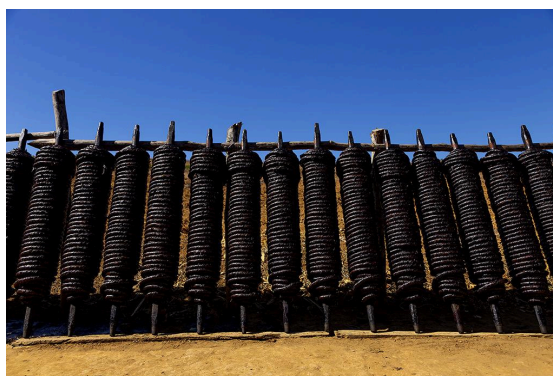


Foto 7: Paus de fumo curando ao sol no Sítio Novo Horizonte, em Guarani. Foto de Ronaldo Almeida, 2017.

## **As sociabilidades mais-que-humanas da *Nicotiana tabacum***

O gênero *Nicotiana* é caracterizado por “plantas dicotiledóneas de la familia de las Solanáceas, llamadas usualmente Tabacos” (Flores, 1889, pag 1), originárias da América Central, não existindo um consenso sobre sua origem exata. Emilio Gómez Flores, em seu livro “El Tabaco” (1889), traz uma descrição das áreas geográficas onde foram encontradas plantas dessa espécie, abrangendo Cuba, Yucatán, Ilha de Tabasco, entre outras localidades. Para o autor, deve-se compreender todas as plantas *Nicotiana* “al tipo único *Nicotiana tabacum*”, devido às suas variedades de características heterogêneas que “sólo el estudio botánico detenido de los caracteres específicos, puede subsanar el error de formar con cada variedad una especie” (Flores, 1889, pag 20). O tabaco, portanto, é um elemento milenarmente utilizado pelos povos indígenas destas terras em questão, que inalavam a fumaça das folhas queimadas “cuando querían adormecer sus sentidos” (ibidem, pag 118).

De acordo com Coutiño e Bello (2012), o tabaco teve suas propriedades alucinógenas e medicinais descobertas pelos povos indígenas das Américas já no século 1 a.C, assim como “algunas prácticas para fumarlo, mascararlo, beberlo, o utilizarlo en enemas” (Coutiño e Bello, p. 22, 2012 *apud* Pascual e Vicéns, 2004). Para os povos Maias, a fumaça do tabaco quando queimado, subia aos céus e conectava o plano terreno com o espiritual (ibidem *apud* Micheli e Izaguirre, 2005). Em tempos mais recentes, nos trópicos americanos, nas comunidades indígenas do Médio Purus, o tabaco também está entrelaçado em suas culturas e cosmologias (Santos e Soares, 2015). A maioria dos povos dessa região o utilizam misturado a outras plantas

(...) para fabricar rapé, os Jamamadi torravam as folhas verdes de fumo sobre o fundo de uma vasilha de argila emborcada sobre brasas. (...) misturavam aí as cinzas de diferentes madeiras, como apakitiri, conhecida também como torém ou embaúba (*Cecropia pachystachya*) ( Santos e Soares, p.17, 2015).

Assim, nas culturas indígenas do Médio Purus, o tabaco é utilizado como um mediador entre mundos, com o qual se transportam em momentos de embriaguez para outras regiões e cosmos em uma “comunicação inteligível com os espíritos e os representantes animais, pássaros, peixes e plantas” (Ibidem, p.16)

Para além da espiritualidade, o tabaco - que chamarei daqui adiante de *fumo*, como é popularmente conhecido no Brasil e, especificamente, em Minas Gerais - atravessa as dimensões do humano quando seu cultivo está interligado à um profundo conhecimento do comportamento desta planta. Como na canção “O Cio da Terra”, de Milton Nascimento e Chico Buarque, é necessário “conhecer os desejos da terra”, conhecer os desejos do fumo nas entrelinhas que tornam este cultivar “um mistério”, como bem disse Armando<sup>10</sup>, após ser questionado sobre o que para ele seria o fumo. Os meus anos de convivência com os fumeiros (aqueles que produzem o fumo) e com os depositários (aqueles que compram o fumo) e da construção de minha percepção acerca dessa cultura, ganharam um destino abrangente quando conheci as teorias de Anna Tsing sobre as sociabilidades mais-que-humanas (Tsing, 2019). Tsing traz a ideia de que existe uma espécie de simbiose - diga-se aqui, colaboração - nas relações entre humanos e não-humanos, onde estes, juntos, criam uma habitabilidade que compõem as paisagens, de maneira que toda paisagem carregue elementos da história desta simbiose (ibidem).

Partindo deste pressuposto, analiso as relações dos fumeiros com o fumo e entre si na plantação do Sítio Novo Horizonte, em Guarani. O plantio do fumo requer um profundo conhecimento do ciclo de vida e reprodução da *Nicotiana tabacum*, e são pessoas como Jersey, Zé Carlos e Armando, que aprenderam tudo com os saberes da prática passada entre suas gerações familiares, os principais atores da produção desta planta. A qualidade do fumo é determinada pelo que os fumeiros chamam de *cabedal*, que segundo a definição dada por Jersey, é quando o fumo cresce forte, com folhas largas e soltando um mel grudento quando encosta em sua folha. Para o cabedal acontecer, é preciso saber o momento certo de “capar” as flores do fumo, pois estas retiram a força que deveria ir para as folhas, sendo necessário um profundo conhecimento acerca do comportamento da planta em confluência com os astros - do sol até a lua. Jersey aponta que a melhor lua para capar o fumo é a crescente, pois as folhas já estão bem desenvolvidas; para ele a lua cheia e nova também são boas, e a pior é a lua minguante, pois alega que a folha “não abre”, todavia o tempo certo para capar será sempre o tempo de lua crescente. Entretanto, algumas flores são deixadas nos pés de fumo para que possam ser retiradas as sementes quando secarem. E, além de capar, é necessário “dezoiar” (retirar) os brotos que nascem em cada folha - “esse oizinho dele que tá aí,

---

<sup>10</sup> Em entrevista no dia 08/05/2026.

quando você capta o fumo que ele cresce, você capta ele, rapidinho ele cresce”<sup>11</sup>. Esse conhecimento das técnicas específicas de plantio do fumo pode ser compreendido por uma dimensão de interrelações mais-que-humanas de Anna Tsing (2019). É necessário uma atenção ao período certo para transplantar as mudas à terra, ao clima, ao solo e aos “desejos” da planta.

O sol faz parte de todo o processo, é ele quem deixa as folhas murchas quando o dia esquenta, e é ele também que “cura” os paus de fumo para retirar sua umidade; a terra tem de estar sempre afogada para a água infiltrar com mais facilidade - todos estes pormenores do plantio são intrínsecos à vida daqueles que nasceram na “lavoura de fumo”, como aponta Zé Carlos. Todo o processo de plantação e produção de fumo, portanto, é permeado por uma sociabilidade entre os fumeiros e os atores não-humanos - as plantas, os insetos, o solo, o sol, o vento - pois estes precisam estar sempre atentos às comunicações entre-humanas expostas através dos ciclos de vida da *Nicotiana tabacum*, das mudanças sazonais e da presença de insetos e/ou animais que podem ser prejudiciais à plantação.

Os principais insetos que prejudicam a plantação são lagartas, grilos, pulgões e, segundo Jersy, até joaninhas podem ser prejudiciais. As seriemas que rodeiam e vivem próximo a plantação são aliadas no combate aos insetos comendo-os, mas quando resolvem brigar por território entre os pés de fumo, costumam rasgar as folhas. Não aprofundarei aqui sobre o uso de agroquímicos, mas as relações entre os fumeiros e as plantas mudaram após as modernizações da agricultura: no “dezoio” dos brotos que antes era feito manualmente, hoje é utilizado um óleo que os mata - pelos tempos atuais serem marcados por uma grande redução da mão de obra rural, eles acreditam ser necessário esta intervenção dos produtos químicos.

Visto isso, as sociabilidades da produção do fumo começam desde o plantio, com os fumeiros entre si, pois todo o processo é acompanhado pela prosa entre os fumeiros e o fumo, percorrendo os caminhos da produção até o momento em que o fumo é picado para ser confeccionado um cigarro de palha, ou quando é inalado seu pó após suas folhas serem moídas e torradas. Deveras soa como estar romantizando o uso do fumo em suas distintas formas, mas é fato popular para aqueles que vivenciam tais práticas, que todo momento de fumar ou de cheirar o rapé (pó de fumo) está entrelaçado à sociabilidade. Todavia, a conexão humana com a *Nicotiana tabacum*, demarcada pelas culturas e cosmologias indígenas já citadas, foi secularizada no momento em que seu

---

<sup>11</sup> Entrevista com Jersy no dia 05/06/26.

uso deixou de ser entrelaçado ao sagrado e à comunicação além - terra, para se transformar em um hábito corriqueiro após a mercantilização e a consequente industrialização do tabaco (Coutinho, Bello, 2012).

Neste trabalho, portanto, quis trazer uma percepção acerca das sociabilidades entre humanos e plantas que se mantém, mesmo após esta popularização que levou a secularização de seu manejo e uso. Existe uma sociabilidade mais-que-humana que resiste nas ruínas do sagrado, especialmente nas produções artesanais e de pequena escala, como é o caso do recorte desta pesquisa. Como foi visto, o fumo atua como um elemento da comunicação que conecta gerações passadas, presentes e futuras, desde os saberes técnicos de sua produção transmitidos em tradições familiares, até as lembranças de tempos de outrora rememoradas pelo cheiro, pelo gosto ou pelo trago. Subsistem, enfim, laços afetivos de uma memória histórica familiar dos interiores mineiros que são revividos pelo fumo, digo principalmente por minha experiência própria de criança que cresceu entremeio ao fumo - apenas o cheiro me faz lembrar de onde vim e, certamente, para onde vou. Eduardo Galeano em “Memoria Del Fuego”, diz que “O avô mandou o tabaco para que ocupasse seu lugar entre os homens. Fumando, eles conversam com Deus” (Livre tradução; Galeano, p.34; 2020).

### **A fotografia como modo de compreensão de mundos outros: registros fotográficos do universo da produção do fumo no Sítio Novo Horizonte**

Os registros fotográficos feitos no passado e no presente foram utilizados como uma forma de complemento à compreensão dos métodos e técnicas do trabalho com o fumo e do modo de ser “fumeiro”, no seu âmbito histórico e cultural. Em “Olhares Cruzados: Ensaio comparativo entre as abordagens fotográfica e etnográfica”, Maresca (1998) diferencia os horizontes do fotógrafo e do etnólogo, sendo que o primeiro aborda a maneira de ver e o segundo a maneira de pensar e, desta confluência resulta o aprofundamento sensorial, quando a fotografia conjugada com as descrições textuais torna a leitura um modo de sentir o que o fotógrafo quis transparecer com a imagem. Mendes (2005) considera que “o recurso imagético nos fornece subsídios não só para demonstrar os objetos fotografados, mas também o olhar do pesquisador”, o que conecta as maneiras de dar significância àquilo que está sendo retratado, criando assim “uma interação ativa entre o leitor e o autor” (ibidem, p. 34). Deste modo, nem todas as imagens deste texto são de minha autoria, mas apesar disso ainda exercem seu papel de integrar o que está sendo exposto no texto e os sentidos visuais do leitor:

Enquanto substituto visual dos objetos ou dos seres, a fotografia pode reativar essa mesma ligação intrínseca das palavras ao visível. (Maresca, 1998, pag 139)

Assim, partindo da perspectiva da fotografia como meio de transmissão de conhecimento, procurei trazer na curadoria de imagens que compõem este texto por inteiro e, especialmente nesta última parte, registros que aproximam o leitor ao universo da produção do fumo através do meu olhar de fotógrafa e pesquisadora familiarizada com todos os processos. Ao longo do texto, as legendas que acompanham as imagens serviram para situar o leitor naquilo que está sendo dito. Nesta parte final, escolhi imagens que retratam a técnica utilizada pelos fumeiros, do plantio até a cura do fumo ao sol. Portanto, trago imagens feitas por mim em outubro de 2025, março, maio e junho de 2026, no Sítio Novo Horizonte, zona rural de Guarani, conjugando-as com legendas descritivas. Ademais, enfatizo a importância nesta pesquisa da utilização da gravação das vozes dos fumeiros, dos seus modos de falar e se expressar para compor a compressão dessas inter-relações humanas com o fumo expostas através dos saberes que eles comigo compartilharam, além da gravação de vídeos e tomada de fotos.

Enfim apresento meus interlocutores de pesquisa até o presente momento (junho de 2026): Jersy, tem 68 anos e trabalha com o fumo desde criança - aos 10 anos seu pai, Antônio Otávio, o ensinou a fiar o fumo; Armando, 61 anos, filho de Antenor, também um mestre de fiar fumo que não transmitiu seu saber ao filho formalmente, mas Armando sabe de cor e salteado o cultivo da planta; Zé Carlos, 75 anos, também trabalha na roça desde os 10, alega que não podiam ficar em casa quando criança pois eram muito arteiros, sempre trabalhando para terceiros como boia-fria. Os registros anexados nesta parte foram feitos nesse início de minha pesquisa de documentação da memória biocultural da cultura do fumo em Guarani, trazendo imagens soltas e em colagens que se complementam e, ao meu ver, transmitem parte do conhecimento da arte de plantar e produzir o fumo através da perspectiva mais-que-humana (Tsing, 2019).

O fumo, portanto, faz parte da cultura de Guarani desde quando a cidade ainda era um arraial denominado de “Espírito Santo do Pomba” pertencente à Vila do Pomba, como visto na seção *Guarani e o fumo*, quando em 1840 chegaram os primeiros colonizadores da região trazendo consigo a cultura do comércio do fumo e, em 1866 a primeira máquina de picar e desfiar o fumo (Abreu, 1991; Faquini, 2014). Entre o meio e o final do século XX ainda havia depositários (compradores) e plantadores na cidades,



uma época em que a paisagem rural era permeada pelas plantações de fumo, onde hoje se vê majoritariamente pastagem de gado bovino e monoculturas de milho. Com isso, todos estes anos acompanhando os processos do fumo e ouvindo histórias, percebi ser importante para a história da cidade documentar esse fazer do fumo em Guarani. Jersy acredita que não terá continuidade na cultura do fumo na cidade pois “as pessoas que mexem com isso, vai tendo uma idadezinha, coitada, aí chega o final não tem jeito e você pode ver, Giovanna, de hoje em dia não tem ninguém querendo aprender, aí pronto, acabou, acabou ninguém tá querendo aprender aí que... É um trabalho muito manual, né?”<sup>12</sup>.

Assim, as transformações dessa cultura tradicional guaraniense me fizeram adentrar neste mundo do fumo como uma observadora participante que pretende manter viva a memória biocultural do fumo, onde são entrelaçados os aspectos socioculturais e biológicos desta planta que foi agente ativa na história da cidade de Guarani. Deste modo, a previsão futura para a presente pesquisa é de quicá conseguir transformar os saberes e fazeres do fumo em Patrimônio Imaterial, mineiro ou indo mais longe, brasileiro. No Decreto nº 3.551/2000 que estabelece o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, consta que “1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades” são elementos de salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro (Cavalcanti; Fonseca, 2008; p. 19).

Neste trabalho não foi possível aprofundar na cultura do fumo em Minas Gerais, mas como foi demonstrado em Carrara (1999), em 1749 existiam registros de plantações e comércio de fumo no Estado, um dado que se encontra com a chegada do fumo em Guarani junto dos colonizadores de seu território. Assim, o fumo faz parte da economia e da cultura mineira desde tempos imemoriais e, hoje, cidades como Poço Fundo no sul de Minas ainda é referência nacional com o "fumo de rolo poço-fundence"<sup>13</sup>. Dito isso, almejo que o resultado final desta minha pesquisa possa contribuir como um documento que reconheça as tradições dos conhecimentos da cultura do fumo que foram passados entre gerações através da oralidade e da prática sejam transformados em Patrimônio Cultural Imaterial.

---

<sup>12</sup> Entrevista do dia 05/06/26.

<sup>13</sup> Matéria de Guy Carvalho sobre o fumo de rolo em Poço Fundo (2021)



Foto 8: Jersy plantando as mudas do fumo trazidas de Poço Fundo - MG. Acervo pessoal, 27/03/26.



Foto 9 e 10: Zé Carlos em primeiro plano e Armando ao fundo afofando a terra ao redor do fumo sob os olhares da Serra do Relógio; Armando pitando um cigarro no momento de descanso. Acervo pessoal, 08/05/26.



Foto 11 e 12: As seriemas procurando seu almoço na terra revolvida pelo trator; folhas de fumo secando na pindoba (local onde elas são amarradas). Acervo pessoal, março de 2026 e outubro de 2025.



Foto13 e 14: Jogo de cores e sobreposição de imagens - Jersy com sua enxada na plantação de fumo.

Acervo pessoal, 08/06/26.



Foto 15 e 16: Nas margens, Jersy faz o que eles chamam de “virar o fumo” que está sendo curado ao sol e, no meio, as cordas do fumo soltando o “mel”. A cura dos paus de fumo em corda é feita para que eles percam umidade. Acervo pessoal, outubro de 2025.

### Referências bibliográficas

ABREU, Aparecida. *Guarani, terra querida* / Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1998.

ABREU, Pedro Lopes de. *Município de Guarani: esboço histórico e cronológico*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1991.

ARAÚJO, Marcelo do Nascimento; DANTAS, Bárbara França. *Umburana-de-cheiro Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm.* Nota Técnica nº 9. ABRATES, 2018.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio Imaterial no Brasil* / Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CARNEIRO, Maria José. *"Rural" como categoria de pensamento*. RURIS (Campinas, Online), Campinas, SP, v. 2, n. 1, 2012. DOI: 10.53000/rr.v2i1.661. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16818>.

CARRARA, Angelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo; contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*. UFOP, Departamento de História - Núcleo de História Econômica e Demográfica. Série Estudos - 2. Mariana, 1999.

CARVALHO, Guy. *Fumo de corda: produção artesanal ainda sobrevive em Poço Fundo*; 2021. Acesso em: 26 jun 2026. Disponível em: <https://www.guycarvalho.com.br/noticia/cafe/fumo-de-corda-producao-artesanal-ainda-sobrevive-em-poco-fundo>



COUTIÑO, Ana Moreno; BELLO, Beatriz Coutiño. *Nicotiana tabacum L. usos y percepciones*. Etnobiología - Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 2012.

FAQUINI, Luciane de Mendonça. *Guarany em preto e branco* - Guarani (MG): Do autor, 2014.

FLORES, Emilio Gómez. *El tabaco*. Madrid - Tipografia de Manuel G. Hernández, 1889.

FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a observação participante*. Tradução de Cláudia Menezes / Desvendando Máscaras Sociais - Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1975.

GALEANO, Eduardo. *Memoria Del Fuego 1: Los Nacimientos* - 2º ed. 1º reimpr. - Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Panorama do Censo Demográfico de 2022: Guarani - MG. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?localidade=3128402>. Acesso em: 12 jun, 2026.

MAIA, Suzana; BATISTA, Jefferson. *Reflexões sobre a autoetnografia*. Prelúdios, Salvador, v. 10, pág. 240-246, dez. 2020.

MARESCA, Sylvain, *Olhares cruzados. Ensaio comparativo entre as abordagens fotográfica e etnográfica*, 1998.

MENDES, Ana Beatriz Vianna. *Vidas de parque: uma etnografia sobre os ribeirinhos do Tapiira, no Parque Nacional do Jaú*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno* / edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos - Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

SANTOS, Gilton Mendes; SOARES, Guilherme Henriques. *Rapé e xamanismo entre grupos indígenas no Médio Purus, Amazônia*. Rev. Antropol. (Online) 7 (1): 10-27, 2015.

